

## ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ Retratos do cotidiano: o Teatro do Oprimido e a Educação em Direitos Humanos

*Portraits of daily life: the Theater of the Oppressed and Human Rights Education*

 Marcello Lucas de Araújo Brito \*

**Resumo:** Este relato apresenta o processo criativo vivido no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) por estudantes da Cia de Teatro Elefante Branco. Enxergando o Teatro do Oprimido, sistematizado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), como uma potente ferramenta para a educação humanizadora e libertária, o espetáculo de teatro-fórum Retratos do Cotidiano pôde ser concretizado. Assim, diversos acontecimentos, experienciados ao longo da montagem das cenas, sejam os artísticos, os políticos ou os socioemocionais, serão aqui abordados para ilustrar a experiência exitosa vivida em escola pública do Distrito Federal. A partir de uma Oficina Básica de Teatro, oportunizando aos estudantes de Ensino Médio uma vivência com as linguagens das Artes Cênicas, certos dispositivos de criação de cenas, tais como os jogos dramáticos e os improvisos livres e orientados, conduziram as turmas para esta experiência teatral do qual o referido estudo foi objeto.

**Palavras-chave:** Educação. Teatro. Teatro do oprimido. Teatro-fórum. Direitos humanos.

**Abstract:** This paper presents the creative process conducted at the Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) by students of the Cia de Teatro Elefante Branco. Looking at the Theater of the Oppressed, systematized by the Brazilian teatrologist Augusto Boal (1931-2009), as a powerful tool for humanizing and liberating education, the theater-forum performance Portraits of Daily Life could be concretized. Thus, several events, experienced during the staging of the scenes, whether artistic, political or socio-emotional, will be addressed here to illustrate the successful experience lived in a public school in the Federal District. From a Basic Theater Workshop, providing high school students with the opportunity to experience the languages of the Performing Arts, certain scene creation devices, such as dramatic games and free and guided improvisations, led the classes to this theatrical experience of which the aforementioned study was the subject.

**Keywords:** Education. Theater. Theater of the oppressed. Forum theater. Human rights.

---

\* Marcello Lucas de Araújo Brito é arte educador na SEEDF. Mestre em Educação (UnB). Especialista em Arte-Tecnologia (UnB). Licenciado em Artes Cênicas (FADM). Coordena o projeto artístico-pedagógico da Cia de Teatro Elefante Branco (CEMEB/SEEDF). Contato: marcellodlucas@gmail.com

## Introdução

“A escola é ou deveria ser o coração democrático do Estado.”  
(Maria Lucia Puppó)

*Retratos do cotidiano*<sup>1</sup> (2022) foi um espetáculo teatral resultante da Oficina Básica de Teatro ofertada pela Cia de Teatro Elefante Branco<sup>2</sup> do CEMEB, anualmente. É, portanto, resultado de um primeiro contato de estudantes da rede pública com a linguagem teatral. A partir de um percurso formativo nas áreas de corpo, espaço, voz e improviso, chegou-se à culminância do primeiro bimestre do ano letivo, na Semana de Educação para a Vida, da SEEDF, onde foi estreado o exercício cênico voltado para a estética e técnica do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (Fotografia 1).

O Teatro do Oprimido consagra-se como uma das mais importantes técnicas de teatro, praticado em diferentes países, em variados contextos, incluindo aqueles além dos ambientes teatrais. É um teatro político, pois para Augusto Boal (1991), “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas” (1991, p. 13). Esta forma de representação do real requer, para além da utilização dos artifícios técnicos, a produção de uma experiência teatral que expanda o senso crítico do espectador.

Nesse sentido, a técnica do Teatro do Oprimido leva em conta que todos os sujeitos são capazes de representar a própria vida, os próprios dilemas, pois, o material fictício se confunde com as situações realmente vividas cotidianamente por aquela determinada comunidade. Levando em

conta as relações opressoras que podemos experienciar no dia a dia e, em muitos casos, opressões acompanhadas de abuso de poder, de violência verbal e física, quer-se gerar, no momento da representação, uma reflexão sobre o que é preciso mudar na sociedade contemporânea.

## Teatro na escola

O Teatro Fórum, uma das vertentes do Teatro do Oprimido, consiste na representação de situações reais, em que haja as figuras de um opressor e de um oprimido. Nesta representação, as variadas personagens podem ser representadas, levando em conta a história que se quer levar à cena. No entanto, antes da concretização da opressão por parte do personagem opressor, há uma interrupção da cena, para que seja feita a provocação da plateia quanto aos fatos dramatizados.

Neste momento, o curinga, função atribuída à pessoa que for mediar a comunicação entre as pessoas que assistem e as que apresentam, deve indagar sobre quais situações de opressão estão sendo encenadas no palco, a fim de trazer não somente os problemas ali contidos, mas, sobretudo, suas possíveis soluções. Em *Retratos do Cotidiano* tal função foi exercida pelo educador-encenador, autor deste relato. Destaca-se que nesta mediação feita pelo curinga, há a intenção de levar ao palco alguém que esteja na plateia, para substituir o ator que representa o oprimido, para representar alguma ideia advinda dos “espectadores” (sic), termo cunhado pelo próprio Augusto Boal (1991), para designar que aquele que assiste a cena também atua nela.

Fotografia 1 – Cartaz de divulgação do espetáculo *Retratos do Cotidiano*, apresentando os estudantes da turma de novos membros da Cia Elefante Branco (2022)



**Retratos do Cotidiano**  
Cenas de Teatro Fórum a partir do Teatro do Oprimido de Augusto Boal

**Realização**  
Cia Elefante Branco

**Direção**  
Marcello D'Lucas

**Sonoplastia**  
Roger Corleone

**Fotografia**  
Karina Alcântara

**Programação Visual**  
Guilherme Soares

**Elenco**  
Adriano Arthur / Alice Morbeck / Amanda Macedo / Ana Carvalhedo / Ana Júlia Vieira  
Arthur Benevides / Bárbara Parrini's / Calanga / Carolina Aguiar / Elisa Fernandes  
Felipe Pereira / Gustavo do Amaral / Heitor Habka / Helo Leão / Ingrid Lorrany / João Reis  
Jordana Pereira / Kamila Ferreira / Letícia Mendes / Lorrany Santos / Luís Santos  
Luisa Sousax / Luna Talassa / Madu Medeiros / Maiura / Manoela Nathaly / Maria de Freitas  
Mariana Vieira / Pedro Mafra / Pétala Soares / Rayssa Bernard / Sophia Carvalho  
Thifany Maria / Vitória Alves / Yuri Siqueira

**Semana de Educação para a Vida**  
02/05 e 05/05  
10:00 e 14:00

**Auditório CEMEB**

Fonte: Karina Alcântara.

Destacam-se, neste contexto, duas concepções fundamentais para a experiência com o Teatro Fórum:

- a) As cenas representadas advêm de histórias verídicas, trazidas pelos próprios estudantes em seus relatos pessoais, o que promove um notável senso de empatia e coletividade, levando em conta a escuta ativa de todos os participantes (atores);
- b) A intervenção da plateia na cena fortalece a ideia de que a comunicação não violenta opera como uma das mais necessárias formas de relação interpessoal, além da ênfase de que o diálogo e o senso crítico são fundamentais para o surgimento das transformações sociais.

Esse teatro da escuta, que oportuniza aos participantes compartilharem situações embaraçosas, opressivas e, em muitos casos, humilhantes, resulta numa percepção de si mesmo e do outro para além do fazer artístico. Gera-se, sobretudo, uma rede de apoio capaz de solidarizar-se com a angústia e a dor do outro. Há uma afetividade de uns para com os outros, entre estudantes e professor, deixando o ambiente criativo visivelmente respeitoso, cujo objetivo maior é, de fato, analisar as relações de poder, as opressões vividas rotineiramente, além de jogar luz a quantas violências simbólicas ou veladas circundam nosso cotidiano.

Na tentativa de desconstruir o conceito de opressão, Paulo Freire (1987) destaca que

A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos [...] Se, porém, a prática desta educação implica no poder político e se os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução? (Freire, 1987, p. 21-26).

Nesse sentido, também quer o Teatro Fórum dar voz e poder aos oprimidos, ainda que numa representação, pois

Fotografias 2 e 3 – Atores e “espectadores” em cena, contracenando as situações de opressão. Na cena, a figura de um pai opressor proibindo a filha de relacionar-se com outra menina. Na foto 3, a estudante da plateia soluciona a cena conversando com o pai intolerante sobre a importância dele ter maior consideração por sua felicidade e pela saúde emocional da família.



Fonte: Karina Alcântara.



o efeito a médio e longo prazo pode ser capaz de trazer diferentes percepções sobre as relações sociais, fazendo multiplicar, nos fazedores e nos apreciadores, práticas que levem em conta o respeito ao outro e às diferenças. Descentralizando o patriarcado e o colonialismo, é possível enxergar a possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de incluir e tirar da invisibilidade diferentes minorias e classes sociais.

Ressalta-se que, no caso de *Retratos do Cotidiano*, foi indispensável levar em conta a faixa etária dos “espectadores”, pois isso garantiria que seria respeitada sua capacidade de assimilação dos conflitos apresentados, sem ferir o emocional ou sem gerar traumas. Leva-se em conta, sobretudo, que a capacidade de interagir com os problemas apresentados está ligada com a experiência de vida dos participantes, portanto, devem ser situações factíveis e vinculadas à realidade social brasileira.

Partindo dessa escuta ativa dos participantes do processo criativo, chegou-se a diversos relatos de violência de gênero, com ênfase em variados depoimentos sobre assédio vividos ou de conhecimento das adolescentes participantes, com situações de machismo, racismo, lgbtfofia, xenofobia e diversos outros preconceitos. Tais descrições conduziram o grupo à reflexão de que a dramaturgia do espetáculo deveria priorizar as diversas situações de opressão vividas pelas mulheres na contemporaneidade, conforme apresentado nas Fotografias 2 e 3.

Alguns desses temas, que permanecem tidos como tabus, podem ser polêmicos de se representar no teatro para a adolescência. A abordagem feita pelo Teatro do Oprimido, no entanto, por sua humanização das personagens, conduz a audiência para um pensamento sobre aquele determinado extrato social, para aquele indivíduo (oprimido) que sofre e é, por vezes, injustiçado. A sensação de empatia causada muitas vezes pela revolta ao assistir à situação representada, o “sentir-se no lugar do outro”, leva o “espectador” a olhar a cena com criticidade e responsabilidade emocional.



Fotografias 4 e 5 – Atores representam situações de violência de gênero. Utilizando o ambiente da festa/balada, o rapaz induz a garota a se exceder na bebida e posteriormente a convidar para outro cômodo isolado. Na foto 5, à direita, uma estudante entra em cena para impedir o opressor de embebedar a colega, além de juntar-se às outras meninas da festa para retirá-lo da comemoração, recorrendo à organização do evento.



Fonte: Karina Alcântara.

Diversas são as soluções advindas da plateia para as situações retratadas. É importante destacar que o curinga, que media a interação da plateia, deve estar atento para aquelas soluções trazidas por “espectadores” mais exaltados, indignados, dispostos a usar a força física, na tentativa de impor sua solução, reverter a relação de opressão, colocando o opressor como oprimido. A busca pelo diálogo e pela comunicação não violenta deve ser constante, frisando, ainda, que a violência só produz mais violência, destacando que muitos ciclos de violência familiar, por exemplo, dão-se pela reprodução entre gerações, de ausência de diálogo e da incapacidade de ouvir, compreender e respeitar o outro.

Esta oportunidade de dar voz às meninas da plateia, para que ocupem o seu lugar de fala, é primordial para a construção do empoderamento feminino e para o enfrentamento ao feminicídio. Essa capacidade de gerar repertório de argumentações e estratégias de autodefesa, da compreensão da necessidade da denúncia e da importância de uma rede de apoio compõe essa formação não conteudista prevista para ser experimentada na educação

formal. O material gerado na experiência teatral pode auxiliar tanto na vida prática quanto na vida acadêmica, com a ampliação de quadros de referência sobre uma argumentação contextualizada (Fotografias 4 e 5).

Outra perspectiva evidenciada na construção das cenas foi a de que os transeuntes, personagens secundários, podem se tornar potenciais aliados do oprimido, podendo, se não for o caso de intervir diretamente na cena, recorrer por socorro ou ajuda de terceiros, denunciando a opressão testemunhada. Essa noção constrói uma sensação de pertencimento, partindo da ideia de que não estamos sozinhos e que a sociedade pode, se unida, ser a força que se requer para enfrentar o opressor (Fotografias 6 e 7).

Djamila Ribeiro (2019), em sua obra antirracista, aponta que o nosso silêncio nos torna, ética e politicamente responsáveis pela manutenção do racismo. Somente a partir da denúncia podemos contribuir para a diminuição de casos nesta sociedade onde o racismo é estrutural. A introdução desta temática antirracista no espetáculo repercutiu, também, de forma significativa na comunidade escolar. A motivação dos estudantes em debater e discutir as situações

Fotografias 6 e 7 – Atores representam cena de violência de gênero associada à intolerância religiosa. A figura masculina imposta sobre a feminina gera uma imagem de opressão, situação que deve ser debatida e solucionada pela plateia.



Fonte: Karina Alcântara.

Fotografias 8 e 9 – Atrizes encenam situação de preconceito racial associado à cor de pele. Representam-se duas opressoras mulheres e uma oprimida também mulher, descentralizando a figura masculina, buscando trazer para a cena que diversos crimes raciais são praticados por mulheres e, em alguns casos, por mulheres não brancas.



Fonte: Karina Alcântara.

representadas e encená-las novamente, buscando a possibilidade de solução, levou em conta diversas camadas de discussão, como é o caso do colorismo e da fenotipia, da herança ancestral do povo negro, além do genocídio negro, consequência do racismo estrutural (Fotografias 8 e 9).

Tal complexidade no decorrer das apresentações das cenas e sua mediação nos mostrou que a peça teatral foi somente um ponto de partida para a mudança de paradigmas no contexto escolar. Foi, sobretudo, um momento de reflexão sobre comportamentos enraizados e reproduzidos, muitas vezes sem consciência ou clareza de tal reprodução. A figura do curinga torna-se fundamental no Teatro Fórum, pois dessa mediação podem surgir os diferentes *insights* sobre as temáticas abordadas (Fotografia 10). Neste processo de escuta e debate, todos os presentes na sessão do espetáculo formulam – e reformulam – seus próprios questionamentos e, ao interagir com o público, são capazes de pensar – e repensarem – sobre suas práticas cotidianas.

Pensando nas artes cênicas como áreas importantes para a cultura de um povo e para o desenvolvimento pessoal, reitera-se que somente a partir de um processo criativo rico em jogos teatrais, jogos dramáticos e improvisos, os alunos-atores estarão preparados e disponíveis para a concepção de uma dramaturgia autoral, apropriados dos discursos (falas) das personagens e sua coerência moral. A professora brasileira Ingrid Koudela, a respeito dos valores adquiridos pelo estudante de teatro, destaca:

- Experiência em pensar criativa e independentemente. Imaginação, iniciativa desenvolvem-se rapidamente na atmosfera criada pelo professor.
- Prática de cooperação social.
- Desenvolvimento da sensibilidade para relacionamentos pessoais e uma profunda simpatia humana, através da análise e do desempenho de várias personagens em situações diversas.



Fotografia 10 – Professor Marcelo exercendo a função de curinga e promovendo a mediação com a plateia.



Fonte: Karina Alcântara.

- Liberação emocional controlada.
- Experiências de pensamento independente, expressando ideias claras e efetivamente. O resultado de uma experiência como essa em improvisações é uma conquista de flexibilização de corpo e voz (Koudela, 2006, p. 24).

Esses tópicos listados acima elucidam uma ideia popular errônea sobre o ensino de teatro: a de que este serve para transformar os estudantes em artistas da cena. Verifica-se, contudo, que são variadas as habilidades adquiridas num processo composicional para a cena. Associando tais dispositivos educacionais e artísticos ao praticado na construção de uma dramaturgia de Teatro Fórum, nota-se uma potencialização da aprendizagem, haja vista que há um direcionamento de contexto, que leve todos a uma reflexão pautada no respeito às diferenças e no olhar para o outro.

Tal aprendizagem contextualizada pode transformar-se em material argumentativo para a composição e escrita de redações, para o bom desempenho em atividades orais como apresentação de trabalho e/ou debates, além da eloquência verbal em situações de posicionamento



crítico. Constrói-se, sobretudo, uma comunidade engajada e consciente sobre a responsabilidade que todos possuem na convivência em grupo. Assim, espera-se que o ambiente de sala de aula seja construído, dia a dia, com um senso de coletividade abrangente, capaz de compreender, incluir e dar voz a todas as diferenças.

## Considerações finais

O que se percebeu em sala de aula, no decorrer das semanas após as apresentações, tendo como base os relatos dos professores, foi uma crescente preocupação em compreender o machismo e o racismo estrutural e suas formas mais perversas de opressão. A busca pela compreensão comprova que há uma inquietação em parte dos estudantes, que não se reconhecem como opressores, que querem mais do que isso, querem ser a diferença que desejam ver no mundo.

Toda a trajetória vivida em *Retratos do Cotidiano* levou a Cia Elefante Branco ao auditório do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, em Brasília-DF, para o recebimento do prêmio de 1º lugar no *Concurso Práticas Inovadoras: Programa Maria da Penha vai à Escola* (Fotografia 11). Representado por alguns dos estudantes participantes do espetáculo, o Centro de Ensino Médio Elefante Branco destacou-se na premiação por seu projeto de teatro, que não é somente artístico, mas também político, pois denuncia e questiona o sistema atual.

Tal reconhecimento recebido com essa vitória nos trouxe a certeza de que apoiar-se na Pedagogia do Oprimido e no Teatro do Oprimido, promovendo a tentativa de desconstrução do patriarcado e do racismo estrutural,

Fotografia 11 – Estudantes do CEMEB, acompanhados pelo vice-diretor, recebem placa e outros prêmios pelo 1º lugar no Concurso do TJDFT.



Fonte: Karina Alcântara.

foi substancial para o êxito dessa montagem teatral, que difunde a necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária, que preconiza a luta pela liberdade e pelo direito à vida das mulheres. Foi, ainda, substancial para a abertura de um debate sobre a cultura antirracista, evidenciada fora do mês de novembro, mês da consciência racial.

Esta experiência gerou material significativo que pode servir de base para experiências futuras, dentro ou fora do CEMEB e que visem a perpetuar a estética política de Augusto Boal, fazendo valer a oportunidade de experimentar o posicionamento político que leve em conta a pluralidade cultural e o respeito às diferenças. Produziu-se, ainda, uma peça de teatro autoral composta pela comunidade discente do Ensino Médio, concebida por adolescentes e apresentada para adolescentes, evidenciando, assim, um potente e significativo protagonismo juvenil. ■

## Notas

- <sup>1</sup> Este espetáculo foi contemplado com o 1º lugar no prêmio do TJDFT “Concurso Práticas Inovadoras – Programa Maria da Penha vai à escola”, em 2022.
- <sup>2</sup> Grupo de teatro estudantil do Distrito Federal, com sede no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB). Concebido e coordenado pelo professor Marcello, venceu dois prêmios no 5º Festival de Curtas das Escola Públicas (2019), além de subir ao pódio do *Prêmio Web de Teatro* (2020) em duas categorias. Venceu a Mostra Curta de Casa (2020) da SEEDF, sendo também finalista duas vezes consecutivas no nacional Prêmio Arte na Escola Cidadã (2021 e 2022), incluindo Menção Honrosa (2023). Recebeu o 1º lugar no concurso Práticas Inovadoras do TJDFT (2022), além da Menção Honrosa no *Prêmio Toda Matéria* (2022). Venceu a categoria Ensino Médio no 4º Prêmio Carolina Bori da SBPC (2023), foi ainda finalista com quatro curta-metragens no Festival Internacional de Cinema Filmaê (2023), recebendo a Moção de Louvor (2023) pela EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Foi contemplado com onze indicações e dois prêmios no FESTA - Festival Estudantil de Teatro Amador (2023), além de finalista no Festival de Curtas do SINPRO-DF (2023). Instagram e Youtube: @ciaelefantebranco.

## Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos Teatrais**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2006.

RIBEIRO, Djamil. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.